

Editorial

O número 23 (2012) da Revista Textura apresenta como temática articuladora a questão das identidades. Num sentido mais usual, identidades dizem respeito ao conjunto de características distintivas de sujeitos ou de coletividades. No contexto das análises culturais e educacionais contemporâneas tal conceito vem sendo intensamente discutido, com abordagens variadas e a partir de campos de saber como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística Aplicada e, com ênfase especial, os Estudos Culturais.

A identidade, argumenta Hall (2008), não deve ser pensada na contemporaneidade como algo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural de pessoas ou coletividades. Tampouco deve ser entendida como uma unidade imutável, essencial. Aliás, em processos de globalização, as identidades modernas, que por longo tempo orientaram as divisões, classificações e hierarquizações da vida social estão sendo descentradas, fragmentadas e deslocadas, particularmente com a erosão da identidade de classe e com a emergência de novas identificações vinculadas a movimentos políticos como o feminismo, as lutas do movimento negro, indígena, antinuclear, ambiental, entre outros.

Neste contexto, Woodward (2008, p. 28) afirma que as identidades poderiam ser pensadas como um processo contínuo de produção cultural a partir do qual os sujeitos “seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum”. Discutir as identidades implica questionar as representações que lhe dão suporte e sustentação. Nesta perspectiva, podemos dizer que o que somos depende das histórias que contamos a nós mesmos, daquelas que contamos sobre os outros e das que outros nos contam.

Neste dossiê várias histórias são contadas, e elas dizem respeito às identidades e diferenças etárias, étnicas, de gênero, constituídas em artefatos como as obras de literatura infantil e em práticas contemporâneas como o jogo de RPG e a educação ambiental.

No primeiro artigo, *De como produções de outros países podem nos ajudar a olhar a diferença na literatura infantil*, Rosa Maria Hessel Silveira

Textura	Canoas	n.23	p.1-3	jan./jun. 2011
---------	--------	------	-------	----------------

(UFRGS) discute algumas obras de literatura infantil que tematizam a diferença e são usadas em escolas portuguesas. Nas análises, ela mostra que ora a diferença é marcada no plano do maravilhoso e do metafórico, com personagens animais, humanos ou fantásticos; ora é apresentada na linha de uma ficção realista, abordando, por exemplo, a problemática étnica.

O segundo artigo, *interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista*, de autoria de Fernando Altair Pocahy (Universidade de Fortaleza) discute a emergência e a produtividade do conceito de interseccionalidade – cunhado no contexto de lutas do movimento feminista – para a problematização dos processos de subjetivação. O autor discute as possibilidades oferecidas pelo conceito para a abordagem de gênero, raça/etnia, classe social, idade, no campo da Educação, considerando especialmente os regimes de dominação, regulação e a produção de desigualdades.

A indagação *O Consumo Serve para Pensar a Educação Ambiental?* Serve de mote para a discussão proposta por Shaula Maira Vicentini de Sampaio (UFF). A autora dá destaque a alguns significados que circularam em um curso de formação continuada oferecido para professores de escolas públicas, cujo enfoque foi a formação de educadores ambientais. No estudo, os discursos sobre consumo tomaram centralidade, aspecto que a autora problematiza, buscando produzir deslocamentos, em consonância com as abordagens dos Estudos Culturais pós-estruturalistas.

No artigo de Marta Campos de Quadros (UFRGS) – intitulado *Culturas juvenis, práticas de escuta e conectividade: uma pauta para a educação?* – estão em destaque as práticas culturais de jovens urbanos que, a partir artefatos sonoros portáteis, investem em determinadas identidades e em estilo de vida marcados pela a conectividade.

Articulando identidade, gênero e etnia, Clovis Antonio Brighenti (UFSC) apresenta-nos o texto *Xamanismo, cultura e gênero: apropriação e transposição de práticas e saberes a partir da experiência Mbya Guarani*. Interessa ao autor alguns entrelaçamentos entre gênero e xamanismo nas práticas atuais de uma comunidade indígena Mbya Guarani.

Também enfocando a temática indígena, o artigo de Valéria Calderoni e Antônio Brand (UCDB), *PJ - constituição e representação da identidade de um aluno índio* examina, a partir das lentes teóricas dos Estudos Culturais, as identidades e diferenças. As análises empreendidas mostram que a escola é um

lugar no qual circulam significados sobre índio, e que estas representações colaboram para produzir e posicionar as identidades de alunos indígenas.

Fabiano da Silva Silveira (ULBRA) também analisa a constituição de identidades juvenis, mas o faz a partir de um dos mais populares jogos de interpretação, ou role-playing games (RPG) – “Vampiro: A Máscara”. O RPG assemelha-se ao teatro improvisado e, por se tratar de um jogo não-competitivo, promove o desenvolvimento de situações de cooperação, interação, criatividade e imaginação. No texto, o autor se vale da perspectiva teórica dos Estudos Culturais para analisar possíveis marcas identitárias constituídas nos/pelos praticantes brasileiros desse jogo.

Iara Bonin

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 103-132.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 7-72.